

Artigos originais baseados em dados empíricos

Vivências de psicólogas na condução de grupos psicoterapêuticos *on-line*: do círculo para a tela

Sara Santos Dias Costa¹ e Tales Vilela Santeiro¹

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberaba, Minas Gerais, Brasil

Submissão: 8 nov. 2024

Aceite: 6 abr. 2026

Editor de seção: Cândida Helena Lopes Alves

Nota dos autores

Sara S. D. Costa  <https://orcid.org/0000-0003-1822-0450>

Tales V. Santeiro  <https://orcid.org/0000-0003-1610-0340>

Financiamento: Este estudo foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig.

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Sara Santos Dias Costa, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Psicologia, Rua Vigário Carlos, n. 100, 5º andar, sala 532 – Nossa Senhora da Abadia, 38025350 – Uberaba, MG – Brasil. Email: sasantosd@outlook.com

Conflito de interesses: Não há.

Resumo

Nos últimos anos, especialmente após a pandemia de covid-19, houve um notável aumento na demanda por serviços psicológicos *on-line*, no geral, e também por psicoterapias. As produções científicas, no entanto, têm enfatizado as intervenções psicoterapêuticas individuais em comparação às grupais. O estudo visou investigar a atuação e as vivências profissionais na coordenação de grupos psicoterapêuticos *on-line* síncronos. Trata-se de um estudo amparado no método clínico-qualitativo, em que participaram 12 psicólogas. A entrevista semidirigida, realizada por meio do Google Meet, foi estratégia utilizada para a produção de dados. O número de participantes foi definido a partir dos procedimentos de bola de neve e do critério de saturação teórica. Os resultados demonstraram formas distintas de atuação profissional, instigadas por peculiaridades relacionadas ao cenário das tecnologias digitais e ao respectivo manejo teórico-técnico em relação às demandas dos pacientes. O desenvolvimento e a continuidade do trabalho psicoterapêutico *on-line* foram favorecidos por quatro eixos principais: suporte tecnológico, vivência de psicoterapia pessoal, estudo teórico e supervisão. Notou-se, ainda, que as vivências das participantes, inicialmente marcadas por desafios, foram e têm sido ressignificadas à medida que as profissionais percebem a viabilidade do *on-line* e desenvolvem novos modos de manejo. Estudos futuros podem ser focados em análises de vivências sobre outros aspectos que perpassam as práticas profissionais de condução de grupos *on-line*, como os assíncronos.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo, psicoterapia *on-line*, psicologia clínica, telessaúde mental, pandemias.

EXPERIENCES OF PSYCHOLOGISTS AS PSYCHOTHERAPISTS IN ONLINE GROUPS: FROM THE CIRCLE TO THE SCREEN

Experiences in conducting online psychotherapy groups

Abstract

In recent years, especially since the onset of the Covid-19 pandemic, there has been a notable increase in the demand for online psychological services and psychotherapy. However, scientific publications emphasize individual psychotherapeutic interventions rather than group therapy. This study aimed to investigate the professional practice and experiences in coordinating synchronous online psychotherapeutic groups. This study, involving 12 psychologists, is based on the clinical-qualitative method. Semi-structured interviews, conducted via Google Meet, were used for data production. The number of participants was determined using snowball sampling procedures and the criterion of theoretical saturation. The results demonstrated distinct forms of professional practice driven by peculiarities related to the digital technology landscape and the respective theoretical-technical management linked to patient needs. The development and continuity of online psychotherapeutic work were favored by four main pillars: technological support, personal psychotherapy experience, theoretical study, and supervision. It was also noted that the participants' experiences, initially marked by challenges, were and continue to be reinterpreted as professionals perceive the viability of online therapy and develop new management methods. Future studies could focus on analyzing experiences related to other aspects that permeate the professional practices of conducting online groups, such as asynchronous modalities and their unique clinical challenges.

Keywords: group psychotherapy, online psychotherapy, clinical psychology, mental telehealth, pandemics.

Experiencias de psicólogos en la realización de grupos psicoterapêuticos online: Del círculo a la pantalla

Experiencias en la realización de grupos psicoterapêuticos online

Resumen

En los últimos años, especialmente tras la pandemia de Covid-19, se ha observado un notable aumento de la demanda de servicios psicológicos *on line* en general, y también de psicoterapia. Sin embargo, las publicaciones científicas han priorizado las intervenciones psicoterapêuticas individuales frente a las terapias grupales. Este estudio tuvo como objetivo investigar la práctica profesional y las experiencias en la

coordinación de grupos psicoterapêuticos en línea sincrónicos. Se trata de un estudio clínico-cualitativo en el que participaron 12 psicólogos. Para la recopilación de datos se utilizaron entrevistas semiestructuradas, realizadas a través de Google Meet. El número de participantes se determinó mediante procedimientos de muestreo por bola de nieve y el criterio de saturación teórica. Los resultados demostraron distintas formas de práctica profesional, influenciadas por peculiaridades relacionadas con el panorama tecnológico digital y la respectiva gestión teórico-técnica en relación con las necesidades de los pacientes. El desarrollo y la continuidad del trabajo psicoterapêutico en línea se vieron favorecidos por cuatro pilares principales: apoyo tecnológico, experiencia en psicoterapia personal, estudio teórico y supervisión. También se observó que las experiencias de los participantes, inicialmente marcadas por desafíos, fueron y continúan siendo reinterpretadas a medida que los profesionales perciben la viabilidad de la terapia en línea y desarrollan nuevos métodos de gestión. Estudios futuros podrían centrarse en el análisis de experiencias relacionadas con otros aspectos que permean las prácticas profesionales de la gestión de grupos en línea, como los asincrónicos.

Palabras clave: psicoterapia de grupo, psicoterapia en línea, psicología clínica, telesalud mental, pandemias.

A psicoterapia é um método de tratamento colaborativo entre terapeuta e paciente. Tem como finalidades gerais o alívio de sofrimentos de natureza psíquica e o estímulo para o desenvolvimento pessoal do paciente, de modo que este consiga atingir um maior grau de satisfação pessoal. Existem várias modalidades de psicoterapia, que se distinguem por seus objetivos, abordagens teóricas e técnicas, dentre outros aspectos (Cordioli & Grevet, 2019).

No contexto da psicoterapia de grupo, existem indícios de que sua origem se deu pela necessidade de estender o atendimento clínico a um número maior de pessoas, desenvolvendo-se notadamente durante a Segunda Guerra Mundial, devido ao número crescente de problemas psiquiátricos e à escassez de equipes hospitalares (Fernandes, 2021). Desde então, essa modalidade de atendimento tem se mostrado eficaz em diversos contextos (Sousa et al., 2020; The New York Times Magazine, 2023).

Além disso, o campo das psicoterapias reflete as mudanças da sociedade contemporânea ao se expandir para o *on-line*. Embora não haja consenso na literatura sobre o termo “psicoterapia *on-line*”, este tem sido utilizado para designar processos sistemáticos de tratamentos mediados por tecnologias, com finalidades terapêuticas. Estes podem incluir interações síncronas, por exemplo, nas psicoterapias realizadas por videoconferência; e assíncronas, nas quais a comunicação terapêutica ocorre em tempos distintos, como acontece no uso de *e-mails* ou mensagens instantâneas (Serralta & Laskoski, 2023).

No cenário brasileiro e mundial, a transição dos atendimentos presenciais para o *on-line* foi intensificada devido à pandemia de covid-19, mesmo entre os profissionais que inicialmente demonstravam ceticismo e preocupações quanto à sua eficácia, gerando um novo e acentuado interesse pela área (Terra et al., 2024; Weinberg, 2021). Apesar do notável crescimento na procura e oferta de psicoterapia *on-line* nos últimos anos, é importante destacar que esse fenômeno estava em progressiva expansão (Conselho Federal de Psicologia, 2018, 2020; Serralta & Laskoski, 2023; Terra et al., 2024; Weinberg, 2020a, 2021).

Considerando realidades distintas do Brasil sobre essa transição dos atendimentos psicoterapêuticos presenciais para os *on-line*, Békés e Aafjes-van Doorn (2020) analisaram as atitudes de psicoterapeutas dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa quando houve a mudança abrupta das psicoterapias presenciais para as *on-line* devido à pandemia de covid-19. A maioria dos participantes demonstrou perspectivas promissoras em relação a essa forma de atendimento. No entanto, eles também identificaram desafios. Estes foram associados à interação terapêutica, como os riscos de o paciente se distrair e a dificuldade de o psicoterapeuta se sentir conectado a ele; ao ambiente físico, como a dificuldade dos pacientes para encontrar um lugar adequado; e às questões técnicas, como problemas de conexão com a internet.

A psicoterapia *on-line* implica, assim, considerar peculiaridades, como o manejo clínico, a estruturação do ambiente, o estabelecimento da aliança terapêutica e o uso da própria tecnologia (Bossi & Schaparin, 2021; Ferreira et al., 2024; Terra et al., 2024; Weinberg, 2020a, 2021). Nesse sentido, questões éticas relevantes surgem, como a corresponsabilidade pelo sigilo e a proteção dos dados psicológicos gerados pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação

(TICs). Isso requer a segurança dos dispositivos utilizados, por meio de criptografia e autenticação em nível máximo, ativação de programas antivírus e ambiente físico adequado (Cruz & Labiak, 2021; Donnamaria & Terzis, 2011, 2015; Weinberg, 2020b).

Especificamente quanto aos grupos de psicoterapia *on-line*, algumas particularidades precisam ser apresentadas. Anteriormente a isso, porém, é importante sublinhar que as intervenções grupais *on-line* foram iniciadas em períodos anteriores à pandemia de covid-19. Um exemplo notável é o trabalho do pesquisador israelense Weinberg (2001, 2020b), hoje atuante nos Estados Unidos da América, considerado um pioneiro nos estudos sobre psicoterapias de grupo *on-line*. Ele relata ter iniciado suas experiências nesse âmbito em 1995, quando da criação de uma lista de correio eletrônico para psicoterapeutas de grupo ao redor do mundo, visando à troca de ideias. Embora não fosse uma psicoterapia de grupo convencional, os fenômenos inerentes se assemelhavam a processos típicos de pequenos grupos.

Com base nessas experiências, o autor publicou o que pode ser considerado o artigo pioneiro sobre a dinâmica de grupo em fóruns *on-line* (Weinberg, 2001), prosseguindo com outras contribuições relevantes na área, até os dias atuais (Weinberg, 2014, 2020a, 2021). No Brasil, por sua vez, Donnamaria iniciou os estudos e defendeu sua tese de doutorado no início dos anos 2010 (Donnamaria & Terzis, 2011, 2015).

Considerado esse brevíssimo preâmbulo histórico, a literatura tem contemplado debates sobre a coesão grupal e a importância da presença *on-line* para a interação dos participantes (Weinberg, 2001, 2020a, 2020b, 2021), a limitação corporal em grupos *on-line* (Donnamaria, 2011, 2015; Santeiro et al., 2021), o uso das câmeras e áudios abertos e/ou fechados por meio da videochamada, além dos cuidados com o *setting* clínico (Gomes & Rocinholi, 2023).

Nesse conjunto de discussões, destaca-se ainda que, neste formato de intervenção, a parte mais visível é o rosto — as expressões faciais aparecem com maior nitidez do que no contexto presencial, exigindo um olhar atento do psicoterapeuta para observá-las (Weinberg, 2020b). A falta de contato físico também pode causar estranhamento entre os participantes, já que, especialmente até o advento da pandemia, as pessoas eram, no geral, mais habituadas aos relacionamentos interpessoais presenciais e ao contato corpo a corpo.

Nessa acepção, psicoterapeutas de grupos *on-line* podem experimentar a sensação de terem perdido a sua “presença”, aqui compreendida como a sensação de imersão, atenção e envolvimento emocional. Apesar das possíveis distrações, existem abordagens de manejo do *setting* por meio de estratégias criativas e dinâmicas, como incentivar os participantes a explorar a imaginação para iniciar possíveis diálogos (Weinberg, 2021).

Diante desses aspectos indicados pela literatura, surge a indagação: como os profissionais de psicologia têm manejado e vivenciado as peculiaridades relativas à condução de grupos terapêuticos *on-line*? A produção científica sugere que, nos grupos *on-line*, não há proximidade física no sentido de que os participantes não se sentam literalmente em círculo. No entanto, novas experiências emergem, as quais podem ser chamadas de “e-ntimidade” (*e-ntimacy*), conceito que se fundamenta na fantasia e na idealização decorrentes de uma relação estabelecida

entre dois — ou mais — “não corpos”, que seguem regras próprias da interação mediada pela internet, distintas das que regem encontros presenciais (Weinberg, 2014).

Investigar práticas profissionais no campo das psicoterapias de grupo *on-line*, assim, justifica-se, essencialmente, por favorecer o alcance de compreensões mais abrangentes sobre esses aspectos que têm contemplado os debates na literatura. Indagações como as seguintes perpassaram o processo investigativo: como os atendimentos grupais *on-line* têm acontecido nas experiências laborais e subjetivas de psicólogos e psicólogas? Quais dificuldades e potencialidades têm sido observadas? Nesse sentido, o estudo objetivou investigar a atuação e as vivências profissionais na coordenação de grupos psicoterapêuticos *on-line* síncronos.

Método

Este estudo está amparado no método clínico-qualitativo, que tem o intuito de compreender os sentidos e significados atribuídos a determinadas vivências no âmbito de uma dada investigação científica (Turato, 2013).

Participantes

Doze psicólogas participaram do estudo (Tabela 1). Contar com pelo menos uma experiência concluída ou em andamento na condução de grupos psicoterapêuticos *on-line* constituiu o critério de inclusão. Tendo em vista que, no Brasil, os atendimentos grupais não são usualmente preferenciais nas práticas de psicoterapia, levantou-se a hipótese de que encontrar psicoterapeutas de grupo que conduzissem trabalhos pela internet seria ainda mais desafiador; nesse sentido, optou-se por não haver a previsão de critérios de exclusão, como modo de ampliarem-se as condições de participação. Cabe dizer que, ao longo do processo de produção de dados, essa hipótese foi confirmada (cf. Procedimentos).

Todas as pessoas entrevistadas, cuja identificação se deu por nomes fictícios a fim de preservar o anonimato, se autodeclararam mulheres cisgênero, com idades que variaram de 26 a 53 anos (média de 35,8 anos) (Tabela 1). A maior parte delas era de profissionais sediadas na região Sudeste ($n = 8$; 66,6%). Em relação à autodeclaração étnico-racial, a maioria era branca ($n = 5$; 41,6%). Quanto ao ano de formação acadêmica, notou-se predomínio de pessoas graduadas na década de 2010 (8); grande parte delas se graduou em instituições privadas ($n = 8$; 66,6%) e tinha pós-graduação *lato sensu* ($n = 6$; 50%).

Tabela 1

Características das participantes, de acordo com a ordem das entrevistas

Particip. (nome fictício)	Idade (anos)	Raça/ cor	Região	Perfil administr. da IES*	Ano graduação	Pós- graduação	Tempo atuação grupos	Tempo atuação grupos on-line
Maria	32	Outra	Sudeste	Pública	2014	E#	2014	2020
Maia	27	Parda	Sudeste	Privada	2018	--	2018	2023
Vivian	30	Outra	Sudeste	Privada	2019	E#	2019	2022
Paloma	53	Parda	Sudeste	Privada	2013	--	2020	2020
Karen	45	Branca	Sudeste	Privada	2002	E#	2016	2017
Susana	32	Outra	Sudeste	Pública	2018	M@	2017	2020
Rebeca	32	Parda	Nordeste	Pública	2014	E#	2014	2020
Renata	37	Branca	Nordeste	Pública	2010	D%	2012	2023
Nicole	39	Branca	Nordeste	Privada	2008	E#	2008	2020
Laura	26	Branca	Nordeste	Privada	2021	--	2021	2023
Nina	30	Branca	Sudeste	Privada	2015	E#	2016	2023
Paula	47	Parda	Sudeste	Privada	1998	--	2019	2020

Note. * Instituição de Ensino Superior. # Especialização. @ Mestrado. % Doutorado.

No que se refere ao tempo de experiência com grupos, em consonância com o ano de formação acadêmica, foi observado predomínio na década de 2010. Esse dado emergiu de forma significativa durante as entrevistas, pois, ao refletirem sobre suas primeiras experiências práticas com processos grupais, essas participantes se recordavam do período da graduação. Já o tempo de experiência com grupos *on-line* predominou na década de 2020, com ênfase nos anos 2020 (6) e 2023 (4), em que cujas experiências iniciais remetiam ao período pandêmico e à expansão dos atendimentos psicológicos *on-line*.

Entrevistadora

Psicóloga, mestranda em Psicologia, com 24 anos de idade, autodeclarada do sexo feminino, cisgênero, pessoa negra e sediada na região Sudeste do Brasil. Graduada em Psicologia por instituição pública no ano de 2022, integra um grupo de pesquisa focado em práticas grupais, no qual tem se dedicado à atuação em grupos *on-line*.

Estratégia para acesso às vivências

A produção de dados ocorreu por meio de uma entrevista semidirigida, que seguiu uma estrutura composta por duas partes: (1) dados pessoais para identificação da entrevistada (nome completo, idade, sexo, gênero, raça/etnia, estado onde reside etc.); e (2) perguntas sobre os objetivos do estudo (Como acontecem seus atendimentos grupais *on-line*? Como tem sido para você atender grupos *on-line*? Etc.). Por se tratar de um roteiro semidirigido, houve momentos em

que novas perguntas surgiram a partir das narrativas das entrevistadas. Por exemplo, se era possível observar diferenças na condução do grupo presencial em comparação com o grupo *on-line* para aquelas que tinham vivência em ambos os formatos e, se sim, quais. As respostas para algumas das novas indagações estiveram entrelaçadas nas narrativas exemplificadas nos Resultados. Além disso, a entrevistadora realizou registros resultantes da observação e auto-observação (tais como reações por parte das participantes).

Procedimentos

As entrevistas foram realizadas com o auxílio do Google Meet. Elas ocorreram em duas etapas. Na primeira, uma entrevista preliminar e com finalidades de aculturação foi realizada (Turato, 2013). Nesse momento, uma profissional que atendia aos critérios de inclusão foi convidada a participar, com o intuito de permitir à pesquisadora vivenciar o processo de ambientação e familiarização no campo de pesquisa no qual ficaria imersa. A segunda etapa consistiu na produção de dados propriamente dita, com convite feito a outra profissional indicada pela primeira entrevistada, conforme o método bola de neve (Turato, 2013).

Na direção de prestar esclarecimentos sobre o método bola de neve, sublinha-se que a maioria das entrevistadas não forneceu nomes potenciais de colegas psicoterapeutas, o que dificultou o seu seguimento, que precisou ser reiniciado seis vezes. Assim, 28 profissionais graduados em Psicologia foram contatados, dos quais 14 concordaram em participar do estudo. Além disso, os que indicaram nomes potenciais nem sempre indicaram colegas que atendiam aos critérios de inclusão. Exemplo disso é que, embora duas pessoas tenham consentido com a participação, durante o processo de entrevistá-las foi notado que suas experiências laborais estavam relacionadas a outros tipos de grupos, como de leitura ou focados em informações sobre a população LGBTQIAPN+, não tendo necessariamente finalidades psicoterapêuticas.

Após esse percurso, a quantidade de participantes entrevistadas foi determinada pelo critério de saturação teórica (Turato, 2013). Desse modo, as 12 entrevistas pertinentes foram gravadas e transcritas na íntegra para serem submetidas à análise de dados, transcrições essas que constituíram o *corpus* analítico do estudo. A produção de dados durou seis meses, com início em agosto de 2023 e término em janeiro de 2024. A média de tempo das entrevistas foi de 51 minutos (de 40 a 90 minutos).

Análise e interpretação dos dados

A análise de conteúdo foi conduzida em cinco etapas: (1) preparo preliminar do material (transcrição das entrevistas e das notas de campo da entrevistadora para plataformas de armazenamento); (2) pré-análise (realização de leitura flutuante, procurando o não dito nos discursos); (3) categorização e subcategorização (organização dos dados, destacando temas por relevância e/ou repetição, com categorias definidas *a posteriori*); (4) validação externa (supervisão das entrevistas com orientador e posterior discussão dos resultados, em âmbito de grupo de pesquisa de vínculo dos autores; e (5) apresentação e interpretação dos resultados (de forma

descritiva, com ilustrações das narrativas das participantes) (Turato, 2013). Nesse sentido, a interpretação dos dados ocorreu por meio de diálogo com a literatura pertinente, tal como indicado no corpo introdutório.

Considerações éticas

Este estudo está articulado com o projeto de pesquisa *Mídias sociais e formação de psicólogos em processos clínicos e de saúde*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (Processo nº 26870314.8.0000.5083).

Resultados e discussão

Na medida em que o *corpus* era analisado e as perguntas de pesquisa eram ponderadas, duas categorias temáticas emergiram: (1) *Desafios e potencialidades dos atendimentos psicoterapêuticos grupais on-line*; e (2) *Vivências das psicólogas com grupos psicoterapêuticos on-line*.

Desafios e potencialidades dos atendimentos psicoterapêuticos grupais on-line

Diferentes formas de atuação profissional nos grupos psicoterapêuticos *on-line* foram identificadas. Em certa medida, notou-se que os relatos das participantes os assemelhavam às experiências que elas tinham na condução de grupos presenciais. Assim, as respostas à indagação “*Como acontecem seus atendimentos?*” se aproximavam com perspectivas enfocadas na literatura sobre processos grupais, na medida em que os grupos podem se distinguir quanto ao *setting* em relação a diferentes aspectos, como os objetivos, a orientação teórica-técnica, a duração dos encontros etc. (Cordioli & Grevet, 2019). A seguinte narrativa ilustrou essa questão:

Eu fiz dois grupos diferentes. Um de mulheres e autoconhecimento, era um público específico. E outro era com mulheres e homens que estavam planejando ter filhos. Nós estipulamos um máximo de dez pessoas, tanto no grupo de autoconhecimento como no grupo de parentalidade, porque a gente entendia que mais do que isso ficaria meio insustentável de todo mundo ter voz, porque a gente não queria que ninguém ficasse excluído. (Maria)

Nesse sentido, quando as profissionais relatavam como aconteciam tais atendimentos, era comum questões contratuais emergirem. Para além das recomendações habituais estipuladas pelo CFP, como acordos sobre dia, horário, sigilo, confidencialidade, valores e formas de pagamento, duas regras contratuais cruciais para o desenvolvimento de grupos *on-line* foram citadas: o ambiente físico onde as pessoas atendidas estariam e o uso de câmeras abertas. Isso pôde ser notado nos diálogos com algumas participantes, conforme ilustrado abaixo.

Eu estabeleço mais algumas regrinhas, por exemplo. Eu peço que as pessoas estejam em um ambiente fechado ou com fone de ouvido. No entanto, e aí sempre vai ter o “no entanto”, porque eu sei, tá? Por ex-

emplo, eu trabalho com mulheres, eu entendo que mulheres, às vezes, têm filhos pequenos, que demandam atenção, então esse contrato vai exigir de mim também uma certa flexibilidade. (Nicole)

Eu iniciava o grupo e aí eu falava: “olha, gente, preferencialmente com câmeras abertas. Mas se vocês quiserem deixar fechada [a câmera] porque o bebê está dormindo, só precisa comunicar”. A maioria delas era de boa, mas conforme o bebê vai crescendo, aí normalmente elas acabam desligando a câmera porque têm que ficar correndo pela casa com a criança. (Paula)

Dependendo da atividade que a gente fosse fazer, eu pedia para ligar [a câmera], pra dar esse suporte de... se conhecer mesmo. Mas a gente acordava isso, né? No começo do grupo. Se seria confortável para todo mundo. Se eles concordavam com isso. Algumas atividades eram necessárias que ligasse a câmera. “Ah, mas eu estou de pijama”, “Eu não quero aparecer”, “Não estou tão arrumada”. Então, tinha esse lugar de não querer ligar a câmera. (Rebeca)

Relatos como esses suscitaram algumas reflexões, a começar pela flexibilidade técnica requerida no contexto dos atendimentos *on-line*. Assim, embora acordos possam ser estabelecidos previamente, é possível estar diante de realidades que demandam capacidades de adaptação profissional à realidade do paciente. Gomes e Rocinholi (2023), com base em suas experiências com grupos *on-line*, ressaltam que, ao contrário do observado em atendimentos presenciais, a participação em grupo *on-line* envolve habitar, simultaneamente, diferentes ambientes: a tela de videoconferência e os territórios individuais de cada integrante. Assim, a câmera aberta revela que parte do espaço do grupo é composta pelo ambiente físico em que os integrantes estão, recortados pelos ângulos de seus rostos. Esse tipo de debate e de experiência profissional grifam a importância de haver reflexões sobre fronteiras profissionais nos atendimentos *on-line*, exigindo ponderações cuidadosas, de modo transversal.

A esse respeito, Santeiro e Rocha (2015, p. 181) questionam: “No mundo virtual, no qual quaisquer tipos de fronteiras tendem a se borrar, faria sentido pensarmos que as profissionais seriam sustentadas, ou estaríamos em um momento no qual reconsiderações e reinvenções seriam necessárias?” Assim, trazer esse tipo de pergunta à tona é fundamental, na medida em que ela integra o cotidiano de psicoterapeutas, invariavelmente, em especial após o advento da pandemia.

Além dos aspectos atinentes ao ambiente e ao manejo das tecnologias por parte dos participantes das grupoterapias, é igualmente importante considerar a incidência de elementos emocionais no ambiente *on-line*, compondo, intrinsecamente, essa especificidade do *setting* mediado por recursos da internet, como sugerido no seguinte depoimento: “A gente sabe que, infelizmente, a população vê muita autoestima como parte externa, algumas [participantes] não ligaram as câmeras. Das cinco [participantes] ali, às vezes duas ou três ligavam as câmeras. Foi difícil para elas começarem a aparecer mais” (Maia).

A partir desse relato de Maia, coordenadora de um trabalho grupal focado na temática da autoestima, a seguinte indagação surgiu: em um grupo destinado a trabalhar a autoestima, a escolha de não abrir a câmera e não mostrar o próprio rosto poderia ser cindida dos próprios propósitos do trabalho grupal em tela? Em situações como essas, o manejo teórico-técnico

adequado fica ressaltado como fundamental para o processo grupal ser desenvolvido de modo profícuo aos seus integrantes.

Sobre a orientação teórico-técnica, as participantes citaram diferentes abordagens, como a psicanálise, o psicodrama, a psicologia da arte, a terapia cognitivo-comportamental, a abordagem centrada na pessoa, a *gestalt*-terapia e a análise do comportamento. Pelo fato de essas correntes de pensamento terem sido concebidas em contextos presenciais, o deslocamento delas para os cenários mediados por TICs suscitou reflexões sobre as possibilidades de manejo grupal em ambientes *on-line*. O seguinte depoimento ilustra essa faceta:

Eu vivenciei uma profunda frustração. “Eu quero muito fazer o psicodrama presencial, porque eu sou psicodramatista. Vivenciar *on-line*? Não, gente!”. Fiquei muito frustrada no começo, demorei para aceitar e foi um grande desafio para os professores também, porque os psicodramatistas trabalhavam presencialmente. Os professores tinham dificuldade de manejar a questão tecnológica. Como eu vou mudar um jogo que é presencial para o *on-line*? Então eu via também essa dificuldade deles em relação a isso, mas foi muito rico o processo, porque a gente percebeu que dá, sim, para dramatizar *on-line*, a gente pode... sei lá, às vezes não vê o corpo inteiro, mas aí levanta, anda pelo seu espaço. Vamos usar técnicas, então a gente utiliza muito as técnicas do psicodrama duplo, inversão, espelho, solilóquio, enfim. (Vivian)

Em paralelo aos aspectos técnicos em grupos psicoterapêuticos *on-line*, as participantes destacaram a utilização de algumas ferramentas. Por exemplo:

Faço também alguns trabalhos de arteterapia, e aí elas [as pacientes] precisam usar os recursos que elas têm em casa. Isso também tem sido interessante, porque antes, eu oferecia os recursos. Eu tinha a minha coleção da Faber Castell [marca de materiais escolares]. Agora, eu preciso lidar com os recursos próprios. É bem metafórico mesmo, os recursos internos de cada um. Porque, no final das contas, é isso a terapia, não é? Você não tá lá pra resolver a vida da pessoa. Ela precisa contar com os recursos que ela tem no dia a dia. (Renata)

Uma vez, coloquei uma música, um vídeo, esqueci agora o nome da música... A gente tem diversas ferramentas: enquete, lousa, salas temáticas. Então, eu digo: “gente, eu vou mandar vocês para outra sala, vocês têm 10 minutos ali para se conhecerem um pouquinho”, divido ali aleatoriamente, elas [as pacientes] iam para outra sala e voltavam. (Vivian)

Destaca-se, assim, a variedade de estratégias que podem ser investigadas em contraposição às limitações corporais específicas dos atendimentos *on-line*, seja por meio de ferramentas tecnológicas fornecidas pelas próprias plataformas digitais (com ênfase no Google Meet e Zoom, conforme citado pelas participantes), seja pelo uso de técnicas psicoterapêuticas convencionais, embora adaptadas. Assim, quando se tratou do uso de expedientes tecnológicos, observou-se um panorama repleto de particularidades, desafios e potencialidades.

No que alude às dificuldades dos grupos *on-line*, dois panoramas distintos despontaram nas narrativas das participantes: (1) dificuldades relacionadas com o manejo de tecnologias digitais; e (2) dificuldades relacionadas ao manejo técnico das demandas dos pacientes. O primeiro pode ser ilustrado nos depoimentos a seguir:

No *on-line* é por tela, você consegue chegar no profundo da pessoa, vamos dizer assim, mas às vezes a pessoa fica mais retraída. No presencial parece que a pessoa tem mais foco, o *on-line* às vezes tira o foco. Às vezes tem algum ruído, alguém chamando, desliga a câmera e tal... a pessoa está aqui ou não está? Uma situação dessas aconteceu comigo. Eu perguntei para cada uma sobre uma situação, eu não lembro exatamente o que é, daí eu falei: “Fulana, e você?”, e eu fiquei “Fulana, tá aí?”, e as meninas todas ali com a câmera desligada. Eu falei assim: “Bom, eu acho que ela deve estar ocupada”. (Maia)

É difícil competir com os estímulos da casa, porque as terapias *on-line* individuais têm 50 minutos. Você fica 50 minutos no computador conversando com uma pessoa, de certa forma você não compete tanto. Quando você está no grupo e tem alguém falando e você quer falar, mas aí você está ali com receio de cortar outra pessoa, aí você já começa a olhar o WhatsApp. [...] Para você conduzir um grupo *on-line*, você precisa ter algo muito estruturado, tem que passar um roteiro, sabe? Você tem que ter uma coisa assim muito estruturada. O grupo presencial não, ele é muito orgânico, ele se constrói, você evolui ali com ele. O *on-line*, eu acho que ele é muito mais difícil de se construir. (Maria)

A dificuldade em manter a presença *on-line* foi uma questão que apareceu como um dos desafios das práticas clínicas das entrevistadas. Assim, torna-se imprescindível refletir sobre o impacto das TICs no desenvolvimento humano, alinhado à dispersão cognitiva de operar várias mídias sociais, simultaneamente, resultando em uma possível perda de qualidade na atenção e percepção (Oliveira & Barroco, 2023). Isso é fundamental que aconteça, porque a psicoterapia de grupo tem entre seus objetivos gerais constituir um espaço no qual o autoconhecimento, mudanças pessoais, escutar a si mesmo e ao outro são inerentes. Então, quando Maia pergunta: “A pessoa está aqui ou não está?”, pode servir como um ponto de partida para reflexões tanto em termos literais quanto simbólicos, sobre a participação nos trabalhos *on-line* do grupo.

Weinberg (2020a) discute o conceito de presença terapêutica como uma das principais questões práticas para psicoterapeutas *on-line*, uma vez que ela é essencial para resultados positivos em psicoterapia grupal oferecida nessa modalidade. Embora o autor enfatize esse conceito, destacando a importância de os terapeutas se dedicarem e se envolverem, física, emocional e cognitivamente com e para os pacientes, chama-se a atenção para a presença dos membros do grupo e como isso afeta a relação entre psicoterapeuta e pacientes/grupo, bem como o processo grupal como um todo. Nesse sentido, conforme Weinberg (2020a), a presença terapêutica, embora tradicionalmente envolva o corpo, também pode ser percebida por meio de elementos subjetivos que constituem a experiência relacional no ambiente *on-line*.

Além disso, as narrativas das participantes convergem com o modo como as TICs têm operado nos dias atuais, com variadas opções de conteúdos e aplicativos que sofrem alterações

constantemente, moldando percepções e processos de comunicação. Dessa forma, à medida que as plataformas se movimentam, mudanças de hábitos, costumes e comportamentos podem ocorrer (Oliveira & Barroco, 2023), o que auxilia a pensar sobre a narrativa de Maria, quando aponta a necessidade de um roteiro estruturado ou de um foco específico em grupo *on-line*, a fim de evitar distrações como os estímulos da casa ou a variedade de conteúdos digitais.

Outras narrativas relacionadas às dificuldades do manejo de tecnologias, como queda de conexão de internet, dificuldade geracional, além do ambiente onde se participa do grupo, resvalaram em questões éticas, paralelas aos debates sobre sigilo profissional que a literatura especializada tem contemplado (Bossi & Sehaparini, 2021; Cruz & Labiak, 2021):

Eu ouvi das minhas colegas: “Mas se a internet cair, se travar?” Tem essa questão do *on-line*, eu falo: “Genete, caiu, a gente tem que aguardar”. Todo mundo, não só nós. A gente dá um tempinho, estica o nosso tempo, se não voltar, a gente propõe um outro momento, não é? (Laura)

As dificuldades técnicas, né? Internet... cair do nada. Às vezes a pessoa mais velha, com mais dificuldade de mexer na tecnologia também. A maior dificuldade é a técnica. Eu até achei que a vinculação seria mais difícil, né? Quando iniciou o primeiro grupo *on-line*, mas não observei dificuldade na vinculação, nem supervisionando, nem no grupo em que eu participei. (Susana)

No que diz respeito às dificuldades relacionadas ao manejo teórico-técnico das demandas dos pacientes, algumas participantes relataram as seguintes situações:

A dificuldade principalmente dos pensamentos que elas têm acerca delas mesmas, que é até um dos pontos fundamentais da TCC [Terapia Cognitivo-Comportamental] e, querendo ou não, interfere muito na autoestima. Então sempre que eu focava em crença, visão de si mesma, mudar pensamento era mais difícil. (Maia)

Na verdade, foi uma situação que eu fiquei “meu Deus”, levei para o congresso para trabalhar isso, foi uma paciente que estava no bipessoal comigo [depois foi encaminhada para um grupo], e aí ela falou: “Ai, eu não me sinto pertencente a esse grupo, não gostaria de estar aqui, não vejo sentido e tal”. E na hora eu falei [pensou]: “Meu Deus do céu, tem como ir embora?” (Vivian)

Assim, percebe-se que em grupo *on-line* surgem demandas ou situações comuns que exigem, sobretudo, manejo teórico-técnico, semelhante ao ocorrido nas demais psicoterapias em geral. Nesse sentido, chama-se a atenção para os processos de formação de profissionais de psicologia, considerando a necessidade de práticas que possam incluir um olhar específico para o atendimento clínico grupal *on-line*. Outro aspecto apresentado nas entrevistas engloba a perspectiva das participantes quanto aos grupos *on-line*, para além de suas dificuldades, como pode ser ilustrado abaixo:

Existe um progresso ali dentro do grupo, existe a troca de experiências, no sentido de pertencimento. “Eu pertencço a isso”, ter acolhimento. E otimiza os resultados psicoterapêuticos também. Por exemplo, cada

pessoa tem um tempo em um atendimento clínico; quando você está em um grupo terapêutico, os avanços são maiores porque não é só o terapeuta, a vida e a história de cada participante ela vai potencializar muito mais. (Paloma)

Tem essa coisa de a gente conseguir juntar pessoas de diversos lugares do mundo. Então, você não fica fechado a ter paciente só no seu bairro ou na sua cidade. Então, qualquer pessoa tem potencial para ser o seu paciente, se tiver na linha ali que você está seguindo. (Karen)

É possível, funciona como no presencial, tem construção de vínculo, tem formação de todas aquelas teorias grupais, acontece no *on-line*. A gente consegue atingir o objetivo, consegue acolher. É possível e não tem muita diferença em relação às teorias. A diferença é um pouco desse *setting*, o manejo do *setting*, as questões éticas que mudam um pouco. (Nina)

Dessa forma, os depoimentos das participantes contemplam as possibilidades e potencialidades, não apenas dos grupos *on-line* em si, especialmente quando mencionam palavras como acolhimento, pertencimento e construção de vínculo, mas também do uso das TICs enquanto possibilidade de comunicação de alcance significativo, promovendo, assim, maior acessibilidade nos atendimentos.

Por último, cabe destacar que enquanto as participantes discursavam sobre formas de atuação, desafios e potencialidades, conforme apresentado anteriormente, elas compartilhavam, sobretudo, suas vivências, sentidos e significados atribuídos à prática, conforme será mais bem detalhado a seguir.

Vivências das psicólogas com grupos psicoterapêuticos *on-line*

Anteriormente à apresentação dos resultados e discussão desta categoria, cabe ressaltar que ela está interligada à primeira. Nesse sentido, ao exemplificar algumas narrativas, é possível perceber que, em certos momentos, as participantes contemplaram temas debatidos anteriormente. Contudo, é este panorama, caracterizado pelas recorrências das temáticas, pelos exemplos, pelos desafios e potencialidades identificados, que apresenta indícios sobre como as vivências com grupos psicoterapêuticos *on-line* têm transcorrido, as quais foram, no geral, iniciadas durante a pandemia (cf. Tabela 1), mas que têm sido ressignificadas enquanto possibilidade psicoterapêutica, e não mais enquanto medida impositiva de distanciamento social. Os próximos trechos de entrevista ilustram esses aspectos:

Eu fiz as pazes com o *on-line*, sabe? A gente foi obrigada, na pandemia, a aprender a ser terapeuta nesse formato. Mas nunca foi uma ideia minha. Nunca foi um desejo meu. Mas, depois de aprendido, depois de ter visto que funciona, que processos psicoterapêuticos acontecem, transformações acontecem, que não foi só no período da pandemia. (Renata)

Porque foi por conta da possibilidade de estar *on-line* que todo mundo estava ali. O *on-line* como uma oportunidade, não como um último recurso, sabe? “Não dá pra fazer mais nada, a gente usa o *on-line*.”

É por conta do *on-line* que a gente podia estar junto. A gente ressignificou um pouco isso, assim, né? Ainda bem que tem o *on-line* pra gente estar aqui falando. (Nina)

Assim, o que se observou nas narrativas foram vivências inicialmente marcadas por uma série de desafios e dificuldades, pois, afinal, como sugerido por meio do estudo pioneiro de Donnamaria (2011, 2015), quantos psicoterapeutas brasileiros tinham, antes da pandemia, experiência com processos psicoterapêuticos grupais síncronos? Dessa forma, ao mencionar no subtítulo “do círculo para a tela”, expressão citada por Weinberg (2020b), referenciam-se as vivências das psicólogas que, com base em suas práticas presenciais, experimentaram transições para os recursos *on-line*, o que desencadeou reflexões contínuas entre as duas modalidades, conforme ilustrado abaixo:

No começo, é um desafio, né? Porque eu estava vindo da experiência do presencial, todo mundo ali e tal. Foi difícil nesse sentido. E a tela também é cansativa, eu acho que o tempo que um grupo presencial, às vezes, pode tomar, o *on-line*, eu sinto que eu preciso limitar, porque as pessoas ficam mais cansadas, tanto com esse negócio de tela, de iluminação. Então, a gente vai aprendendo a lidar com essas coisas que... no presencial, não, a gente não precisa lidar com isso, porque a gente tá ali, né? No ambiente controlado, sozinhos. Não tem essas interferências. (Rebeca)

Partindo dos desafios identificados pelas participantes, cabe salientar alguns elementos que auxiliaram no desenvolvimento e na continuidade do trabalho psicoterapêutico grupal síncrono, a fim de contribuir com os processos formativos de psicoterapeutas de grupos, tanto para aqueles que desejam iniciar no atendimento *on-line* quanto para os que já atuam nesse contexto. Estes podem ser organizados em quatro eixos: (1) suporte tecnológico e a participação das pessoas que integravam os trabalhos grupais; (2) psicoterapia pessoal na modalidade grupal; (3) estudo teórico; e (4) supervisão, coordenação compartilhada do grupo e troca de vivências com outros profissionais de psicologia e áreas afins.

Sobre o primeiro eixo, o suporte tecnológico, ele oferecia às psicólogas as condições necessárias para desenvolverem seu trabalho de forma fluida e efetiva. Aqui, contudo, ele é compreendido em duplo sentido: como a capacidade de operar as plataformas digitais, mas também como forma de auxiliar os integrantes do grupo em situações adversas, como quedas de conexão à internet. É nesse segundo sentido que o envolvimento ativo do grupo podia ser buscado e manejado, o que pode promover maior fluidez no processo e entra em consonância com as discussões sobre presença *on-line* (Weinberg, 2020a, 2020b).

Considerando as psicólogas como partes dos grupos psicoterapêuticos em pauta, cabe também frisar a psicoterapia pessoal (o eixo 2) como um elemento essencial, pois destaca a importância de vivenciar grupos não apenas como facilitadoras, mas como pacientes. Isso é que possibilita contemplar as respectivas implicações dessa prática de autocuidado nas suas vivências pessoais e profissionais, conforme ilustrado no depoimento abaixo:

Eu acho que participar de formações é muito importante, mas, sinceramente, entendendo a formação como uma coisa mais ampla do que apenas o estudo teórico, é imprescindível que se participe de grupos. A gente precisa ter a vivência na pele, no corpo. Estar nesse outro lugar faz parte da formação também. Você entender como é estar dentro de um grupo que se constrói, como é construir o vínculo, como é lidar com os obstáculos, os problemas que sempre surgem, os rancinhos, as intrigas de gato quando o grupo é muito heterogêneo. Então, a gente precisa ter essa sensação. A gente precisa saber o que é estar nesse lugar do dividir uma coisa muito profunda, do se sentir compreendido, se sentir acolhido nessa dimensão. (Nicole)

Além disso, observou-se um processo contínuo de aprendizagem na área, mesmo entre profissionais com anos de experiência. No caso do depoimento de Nicole, por exemplo, ela articulou o fator “estudo teórico” aos demais (eixo 3).

Assim, cabe frisar as distinções geracionais que foram notadas nas narrativas das entrevistadas e, sobretudo, quanto elas contemplaram diferentes perspectivas de suas vivências. Karen, com 22 anos de experiência profissional, questionou-se de forma que ela considera gratificante e inusitada: “Como a gente chegou nessa possibilidade, de cada um, da sua casa, poder fazer terapia? Eu, com 45 anos, que vivi em uma outra era, isso para mim é surreal”. Enquanto Laura, graduada durante a pandemia, ressaltou: “Eu acho que, pela experiência densa da graduação, é um tanto quanto confortável [trabalhar *on-line*]”.

Essas narrativas, portanto, constituem sentidos que foram gradualmente construídos em torno da prática profissional. Ainda assim, aspectos não ditos podem ser ponderados. Por meio dos dados da observação e auto-observação da primeira autora durante as entrevistas, notaram-se distinções entre os relatos das participantes, haja vista a própria singularidade de cada discurso. Se, por um lado, algumas participantes ofereceram relatos mais detalhados sobre os sentidos de suas vivências, outras se concentraram mais na descrição da condução do grupo e, a partir disso, era possível ter indícios sobre as implicações profissionais.

Desse modo, percebe-se que o não dito esteve associado a participantes, que em alguns momentos afirmavam algo e, em outros, mencionavam algo oposto. Um exemplo disso é que, embora algumas tenham afirmado não terem encontrado nenhuma dificuldade na condução dos grupos, em momento posterior, quando questionadas sobre os recursos que as ajudaram, mencionavam a falta de apoio, pessoas e ferramentas que pudessem auxiliá-las (eixo 4). Essas nuances foram se complementando à medida que as entrevistadas relatavam as vivências mencionadas anteriormente, como reflexo de seus suportes e redes de apoio.

A respeito dessas observações, Gomes e Rocinholi (2023) destacam a importância de não impor um modo específico de estar no grupo *on-line*, mas enfatizam a relevância de os psicoterapeutas compartilharem suas próprias impressões com os membros do grupo, a fim de que seja possível construir uma forma confortável de se encontrar e, se necessário, reavaliar o contrato terapêutico. Em suas palavras, “jeito-confortável-e-leve-e-possível de nos encontrar” (p. 9). Afinal, cada participante é atravessado por e constitui as suas experiências em um espaço físico diferente, com interferências do ambiente também distintas, o mesmo ocorrendo com o psicoterapeuta.

Assim, a transição do círculo para a tela vivida e dialogada com as participantes implica reconhecer não apenas semelhanças com os trabalhos presenciais, mas distinções entre *settings* psicoterapêuticos, incluindo as relações que se constroem, os sentimentos e as sensações de manter a presença *on-line*, o contrato terapêutico, entre outros aspectos. Nesse sentido, as vivências profissionais, embora inicialmente marcadas por desafios e dúvidas, proporcionaram às participantes refletir sobre os caminhos e as possibilidades para a prática, tornando-a um espaço-em-construção dinâmico e incessante.

Considerações finais

Neste trabalho, foram investigadas as vivências e a atuação profissional de psicólogas na prática dos grupos psicoterapêuticos *on-line* síncronos. Os resultados mostraram que as primeiras experiências profissionais de condução de processos grupais *on-line* foram, na maioria dos casos, impulsionadas pela pandemia, mas têm sido ressignificadas enquanto possibilidades psicoterapêuticas. Os processos experienciados apresentaram configurações distintas, seja em relação ao público-alvo, aos objetivos, recursos, seja às orientações teórica e técnica subjacentes.

Os aspectos contratuais e que perfazem o *setting* foram temáticas presentes de modo transversal durante o processo de produção de dados. Nessa significação, a privacidade no ambiente dos membros do grupo e o uso das câmeras abertas foram destacados. A análise das vivências demonstrou, ainda, que as participantes enfrentaram dificuldades relacionadas ao ambiente digital para lidarem com as demandas e os sofrimentos inerentes aos momentos de vida dos seus pacientes, mas, sobretudo, na administração e manutenção da presença *on-line*. Por outro lado, o acolhimento, o pertencimento, a construção de vínculo e a acessibilidade foram potencialidades citadas.

Embora os cenários profissionais das entrevistadas tenham sido caracterizados por desafios iniciais, as vivências construídas no cotidiano laboral permitiram, paulatinamente, que elas refletissem sobre as possibilidades de atuação e suporte profissional, em duplo sentido: aprimorar-se na condução dos grupos psicoterapêuticos foi pauta que perpassou os processos de entrevista, porque assim os pacientes poderiam usufruir do que necessitavam (e, em contrapartida, as profissionais poderiam manter as suas condições laborais). Mas esse mesmo processo foi inicialmente caracterizado por uma constante e premente incerteza, sobre quanto o que era praticado e ofertado profissionalmente poderia ser, de fato, o que elas *gostariam* ou *poderiam fazer*.

A condução dos processos de entrevista foi, nessa direção, um dispositivo que se articulou a um pensar juntas: entrevistadora e participantes em busca da construção de sentidos e de significações para algo que ainda parecia requerer maior tempo subjetivo de “processamento” e maturação. Se de um turno a pandemia trouxe urgências que instigaram a prontidão das profissionais, de outro, o que pôde ser feito parecia ser objeto de reflexões erigido durante as próprias situações das entrevistas.

O estudo ter sido realizado com restrição de participantes psicólogas brasileiras, situadas em apenas duas regiões; as questões de gênero e raça/etnia podem ser citadas como algumas das

suas limitações. Além disso, aspectos associados ao processo de produção dos dados, como a recusa aos convites direcionados às possíveis participantes, configuram limitações adicionais aos achados, assim como à generalização e à natureza situada da análise qualitativa.

Apesar dessas limitações, não houve registro de desistências entre as participantes deste estudo, o que indicou a disposição e a abertura para colaborar com a pesquisa. Pesquisas futuras podem ser focadas, assim, na ampliação do perfil de participantes. Análises de outras vivências que perpassam as práticas profissionais, como seriam os casos de outras formas de comunicação *on-line*, como os processos de psicoterapias grupais assíncronos, também poderiam ampliar os achados. Nessa acepção, focalizar as interações de psicoterapeutas de grupo *on-line* com seus pacientes, ocorridas via WhatsApp e Instagram — duas das mídias sociais mais consumidas entre brasileiros e no mundo —, poderia descortinar descobertas, haja vista esses recursos não só oferecerem os modos de suporte síncrono e assíncrono, mas também integrarem, na atualidade, o cotidiano de psicólogas e de seus pacientes de modo ubíquo.

Agradecimentos

Este artigo é resultado da dissertação da autora Sara S. D. Costa.

Referências

- Békés, V., & Aafjes-van Doorn, K. (2020). Psychotherapists' attitudes toward online therapy during the Covid-19 pandemic. *Journal of Psychotherapy Integration*, 30(2), 238–247. <https://doi.org/10.1037/int0000214>
- Bossi, T. J., & Schaparin, I. (2021). Desafios na transição dos atendimentos psicoterápicos presenciais para on-line na pandemia de Covid-19: Revisão sistemática. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 23(1), 157–165. <https://doi.org/10.5935/2318-0404.20210012>
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). Resolução nº 4, de 26 de março de 2020. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>
- Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (Orgs.). (2019). *Psicoterapias: Abordagens atuais*. Artmed.
- Cruz, R. M., & Labiak, F. P. (2021). Implicações éticas na psicoterapia on-line em tempos de Covid-19. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(3), 203–216. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1576>
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2011). Experimentando o dispositivo terapêutico de grupo via internet: Primeiras considerações de manejo e desafios éticos. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 17–26. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200003
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2015). Atendimento psicológico via internet: uma experiência com grupos. In T. V. Santeiro, & G. M. A. Rocha (Orgs.), *Clínica de orientação psicanalítica: Compromissos, sonhos e inspirações no processo de formação* (pp. 153–173). Vetor.
- Fernandes, B. S. (2021). Psicoterapia de grupo: Sua origem, seus caminhos. In T. V. Santeiro, G. M. A. Rocha, & C. A. Serralha (Orgs.), *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa* (pp. 31–43). Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina.
- Ferreira, L. R., Santeiro, T. V., & Serralha, C. A. (2024). Psicoterapia infantil on-line: Experiências de psicólogas de orientação psicanalítica durante a pandemia de Covid-19. *Estilos da Clínica*, 29(2), 200–219. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v29i2p200-219>
- Gomes, D. A. M., Jr., & Rocinholi, L. F. (2023). A invenção de um setting on-line para atendimento psicológico remoto. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e255712. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003255712>
- Oliveira, F. A. F., & Barroco, S. M. S. (2023). Revolução tecnológica e smartphone: Considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 28, e51648. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.51648>
- Santeiro, T. V., & Rocha, G. M. A. (2015). Uso de mídias sociais por psicoterapeutas: Problematicando fronteiras profissionais e esboçando diretrizes. In T. V. Santeiro, & G. M. A. Rocha (Orgs.), *Clínica de orientação psicanalítica: Compromissos, sonhos e inspirações no processo de formação* (pp. 175–191). Vetor.
- Santeiro, T. V., Rocha, G. M. A., & Serralha, C. A. (2021). Reflexões teórico-técnicas sobre processo grupal on-line desenvolvido em contexto pandêmico. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 23(3), 177–194. <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v23n3a14.pdf>
- Serralha, F. B., & Laskoski, P. B. (2023). Psicoterapia breve on-line. In G. M. A. Rocha, T. V. Santeiro, & C. A. Serralha (Orgs.), *Psicoterapias breves: Aspectos gerais e propostas contemporâneas aplicadas no Brasil* (pp. 107–130). Vetor.
- Sousa, J. M., Vale, R. R. M. do, Pinho, E. S., Almeida, D. R. de, Nunes, F. C., Farinha, M. G. & Esperidião, E. (2020). Effectiveness of therapeutic groups in psychosocial care: analysis in the light of yalom's therapeutic factors. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73, e20200410. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0410>
- Terra, G. S., Santeiro, T. V., & Couto, V. V. D. (2024). Experiências on-line de psicoterapeutas de orientação psicanalítica durante a pandemia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 26(1), ePTPCP15666. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP15666.en>

- The New York Times Magazine. (2023, May 16). *Does therapy really work? Let's unpack that*. <https://www.ny-times.com/2023/05/16/magazine/does-therapy-work.html>
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Vozes.
- Weinberg, H. (2001). Group process and group phenomena on the Internet. *International Journal of Group Psychotherapy*, 51, 361–378. <https://doi.org/10.1521/ijgp.51.3.361.49881>
- Weinberg, H. (2014). *The paradox of internet groups: Alone in the presence of virtual others*. Karnac.
- Weinberg, H. (2020a). *Theory and practice of online therapy: Internet-delivered interventions for individuals, groups, families, and organizations*. Routledge.
- Weinberg, H. (2020b). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during Covid-19 – A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201–211. <https://doi.org/10.1037/gdn0000140>
- Weinberg, H. (2021). Obstacles, challenges, and benefits of online group psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy*, 74, 83–88. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.20200034>

Contribuição de cada autor na elaboração do trabalho:

Sara Santos Dias Costa: Conceitualização, investigação, análise formal, metodologia, administração do projeto, escrita – esboço original, escrita – revisão e edição.

Tales Vilela Santeiro: Conceitualização, análise formal, supervisão, validação, escrita – revisão e edição.

EQUIPE EDITORIAL

Editor-chefe

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

Editores Associados

Alessandra Gotuzo Seabra
Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de Seção

“Avaliação Psicológica”

André Luiz de Carvalho Braule Pinto
Danielle de Souza Costa
Lisandra Borges Vileira Lima
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Natália Becker
Thatiana Helena de Lima

“Psicologia e Educação”

Carlo Schmidt
Kátia Carvalho Amaral Faro
Natália Martins Dias

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Fernanda Maria Munhoz Salgado
Gabriel Gaudencio do Rêgo
João Gabriel Maracci Cardoso

“Psicologia Clínica”

Cândida Helena Lopes Alves
Loraine Seixas Ferreira
Vinicius Pereira de Sousa

“Desenvolvimento Humano”

Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
João Rodrigo Maciel Portes

Artigos de Revisão

Jessica Mayumi Maruyama

Suporte Técnico

Maria Gabriela Maglio
Davi Mendes

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação editorial

Surane Chilianí Vellenich

Estagiária editorial

Isabelle Callegari Lopes

Preparação de originais

Hebe Ester Lucas

Revisão

Luciana Moreira

Diagramação

Studio Acqua